

UMA REFLEXÃO E DISCUSSÃO SOBRE O MÉTODO APLICADO NAS CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS E DE OUTRAS CIÊNCIAS DIRETAMENTE RELACIONADAS

Prof. Ms. João Almeida Santos¹

Resumo

Este estudo tem por objetivo revisar a importância do método na obtenção e transmissão dos conhecimentos nas ciências administrativas e em outras ciências que tenham relação mais direta e objetiva. Uma boa infra-estrutura possibilita o processo de ensino e aprendizagem, mas sem um bom método de ensino não é possível proporcionar o crescimento no campo do conhecimento de qualquer ciência. Soma-se a essa afirmação uma boa infra-estrutura, a experiência do corpo docente, o acervo bibliográfico e mais aspectos de arte que pode haver no processo de ensino-aprendizagem como os seminários, encontros, feiras, congressos ou outra forma de apresentação dos conceitos teóricos de uma ciência para que o discente possa aprender e continuar contribuindo para a evolução dessa ciência. Embora não apresente nenhum dado numérico ou estatístico de que um bom método proporciona o melhor resultado no processo de ensino e aprendizagem; este ensaio teórico propõe o despertar e instiga as discussões quanto a forma que vem sendo tratado o ensino de administração, ao mesmo tempo que espera contribuir com as discussões em torno do tema para o avanço do conhecimento.

Palavras-chave: Método, ciência administrativa, ensino da ciência, método dialético, método dedutivo, dialética marxista, dialética hegeliana, ensino-aprendizagem.

1 – Introdução

O ensino de administração se tornou necessário em função do crescimento das relações entre as pessoas que consumiam e aquelas que produziam. Com a fixação das pessoas em uma certa região as relações de produção e de consumo ficaram mais complexas e apresentavam mudanças constantes por causa do desenvolvimento natural no volume de transações e de necessidade das pessoas. Entender esse processo, como ocorriam as trocas, porque as pessoas tinham necessidades diferentes ora influenciadas pelas peculiaridades da região onde habitavam ora por causa das mudanças em um dos elementos que compunham o seu ambiente. No primeiro caso, uma região fria exigia da população um consumo maior de produtos para proteção contra as temperaturas baixas e da produção uma produção maior de roupas, alimentos e equipamentos que

¹ Professor e Coordenador do curso Linha de Formação Específica em Comércio Exterior, da Universidade Metodista de São Paulo.

possibilitasse a sobrevivência num ambiente mais hostil. No segundo caso, as mudanças são marcadas pela evolução e crescimento das pessoas, isto é, com o avanço da cidade e melhoria na qualidade de vida das pessoas novas necessidades são identificadas. Em ambos os casos a teoria da administração foi importante para a criação de uma metodologia que levou ao entendimento e ao estabelecimento de leis e teorias que deu o nome a ciências administrativas.

Para proporcionar melhores resultados para as empresas, mais conforto e segurança para as pessoas foi necessário que houvesse estudo. Como todo e qualquer tema surge, é discutido, formam-se teorias e leis e passa a ser denominado ciência; a administração não foi diferente das demais. A medida que os estudos dos fatos que aconteciam em uma organização e o próprio crescimento dessas unidades de produção, o aumento das necessidades das pessoas, as descobertas tecnológicas e o aumento expressivo no volume de produtos e serviços disponíveis para serem consumidos; a ciência administrativa foi se formando e ganhando a confiança e a verdade de sua aplicação.

2 – Aplicação do método na transmissão do conhecimento

Uma ciência é caracterizada pela suas leis que embasam sua estrutura teórica. Cada campo do conhecimento tem caminhos específicos para consecução dos seus objetivos que é à busca da verdade, assim, enquanto determinadas ciências trabalham com o raciocínio dedutivo outras têm na indução a base para o estabelecimento de suas leis e teorias.

2.1 – Construção da teoria de uma ciência

O presente artigo mostra que a ciência é formada por leis e teorias que a tornam única e com verdades concebidas e reconhecidas a partir de verificação, experimentação e comprovação para que não sejam aceitas suspeitas de que a afirmação do fato é definitivamente reconhecida como lógica na sua análise e conclusão.

Quando Juan Maldonado proferiu o seu discurso durante a cerimônia de abertura da Universidade Paris em 1571, ele, com certeza, não estava se referindo ao ensino apenas de administração, mas sim de todas as ciências conhecidas pelo homem.

Em seu discurso a afirmação:

Sin duda que para la inteligencia de cualquier clase de disciplinas es grande la importancia del talento; tal vez mayor aun de la constancia en el trabajo; de mucho sirven los buenos profesores; grande es la ajuda que prestam los buenos libros; pero el proceder con arte e método en el aprendizaje tiene por si solo tanta importancia, cuanto todas las otras ajudas juntas. (Juan Maldonado, S. P., no discurso de abertura da Universidade de Paris no ano de 1571, falando da importância do método no trabalho).

Do texto acima, pode-se concluir o quanto é antigo e importante o esforço do ser humano no sentido de buscar os melhores caminhos para se atingir determinados objetivos.

Além dos métodos particulares aplicáveis aos campos específicos da ciência, existe um método, o método geral, aplicável a todas as áreas do conhecimento humano. Este é definido como o conjunto dos processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade.

Qualquer trabalho relativo à metodologia científica não pode prescindir das idéias do grande pensador René Descartes (1596-1650) no seu trabalho “O discurso sobre o método”, onde são apresentadas as quatro regras básicas da metodologia.

1. Não aceitar jamais como verdadeira coisa alguma que não se conheça a evidência como tal, isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, incluindo apenas, nos juízos, aquilo que se mostrar de modo tão claro e distinto ao espírito que não subsista dúvida alguma.

A busca da verdade pressupõe a dúvida constante; para tanto, deve-se evitar pré-julgamento, não formulando juízos a partir de opiniões sem que estas sejam evidentes. A clareza e a distinção é condição necessária para se aceitar o que está sendo apresentado.

2. Dividir cada dificuldade a ser examinada, em tantas partes quantas possíveis para resolvê-las. Isto vai permitir que um problema de grande complexidade seja desdobrado em problema mais simples facilitando a sua solução. Todo e qualquer problema deve ser analisado, isto é, decomposto em tantas partes possíveis e necessárias para a sua solução.

3. Estabelecer ordens nos pensamentos, começando pelos assuntos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos, para atingir, paulatinamente, gradativamente, o conhecimento dos mais complexos, e supondo ainda uma ordem entre os que não se precedem normalmente uns aos outros.

Feita a análise, ou seja, o desdobramento do problema, conforme a regra 2, ordenam-se os pensamentos, iniciando pelos problemas mais simples e mais fáceis de serem solucionados, paulatinamente até os mais complexos, num processo de síntese.

4. Fazer, para cada caso, *enumerações* tão exatas e revisões tão gerais para que se tenha certeza de que nada tenha sido esquecido.

Todo o trabalho desenvolvido deve ser rigorosamente revisado de forma mais ampla possível no sentido de que nada seja omitido.

A importância da análise decorre da complexidade dos problemas que se apresentam e da fraqueza da inteligência humana para entendê-los. Não resta qualquer dúvida quanto à facilidade de solucionar problemas complexos a partir de sua divisão em partes simples que constitui a análise, dada a maior facilidade da inteligência em entender as coisas simples.

A análise pode ser experimental por separação, quando trabalha sobre fatos ou seres concretos, quer materiais, quer espirituais. A análise por divisão é aquela que trabalha com os fenômenos supra-sensíveis e por isto é usada nas ciências psicológicas.

Enquanto que a análise experimental trabalha com fatos e seres concretos, a análise racional trabalha no campo das idéias abstratas, daí a sua utilização sobretudo nas ciências matemáticas. Neste processo busca-se reduzir o problema proposto num problema mais simples, já devidamente resolvido.

O processo que parte da consequência para o princípio, denomina-se análise matemática. É importante frisar que o objetivo da análise é chegar ao elemento mais simples e irreduzível.

Na metodologia científica a análise e a síntese caminham passo a passo, pois, enquanto na análise se desdobra o problema complexo em partes mais simples, a síntese caminha no sentido inverso, ou seja, os resultados parciais obtidos nas partes mais simples são somados para se obter a solução do problema complexo.

Neste sentido, sendo a síntese a reunião das partes separadas pela análise, nem sempre será possível a sua aplicação nas ciências naturais. A análise por separação de um ser vivo não permitirá uma síntese por reunião das partes.

A partir da análise por divisão mental tem-se a síntese por reconstituição mental ligada aos fenômenos supra-sensíveis, empregados nas ciências psicológicas.

Assim, como na análise racional trabalha-se com idéias abstratas, a síntese racional também o faz, ou seja, trabalha sobre as idéias abstratas por isso, utilizadas principalmente nas ciências matemáticas.

O processo sintético segue o caminho inverso da análise, ou seja, a partir de um problema conhecido, chega-se por via de dedução ao problema mais complexo, como na demonstração dos teoremas.

Platão no livro Fedro ou da beleza (1994:102), aborda que para aprender a falar e a pensar o melhor processo é reduzir e analisar as idéias, ou seja, deve-se aprender simultaneamente o todo (síntese) e as partes do objeto (análise).

Todo pesquisador deve sempre ter em mente que, o conhecimento profundo do assunto a ser desenvolvido vai depender não só do entendimento do geral, mas também, das partes.

2.2 - Lógica aplicada ou Metodologia científica

Enquanto na lógica formal é feita a abstração da matéria, procurando fazer com que o pensamento concorde consigo mesmo (1), a lógica aplicada aborda o problema de pôr o pensamento de acordo com o objeto; para tanto indica o processo a ser seguido, ou seja, o caminho a ser percorrido, tendo em vista o objetivo a ser atingido que é a verdade. O método é este conjunto de processos, que etimologicamente tem o significado de caminho para se chegar a um fim.

Como há uma diversidade muito grande de campos na ciência, então, haverá, também, um método específico para cada campo científico.

No seu sentido etimológico, ciência (2) é sinônimo de conhecimento, mas o conhecimento verdadeiro obtido pelas razões ou pelas causas.

(1) Kant, 1992:29.

(2) Para Jasper, ciência é um sistema de proposições rigorosamente demonstradas, constantes, gerais, ligadas mediante relações de subordinação.

Ao contrário do *conhecimento vulgar* que se preocupa só com o fato e não com as causas, o conhecimento científico procura descobrir, demonstrar as causas ou razões dos fatos. Como exemplo, pode ser citado o caso do agricultor que tem o conhecimento, recebido ao longo do tempo pela tradição, quanto a época do plantio, o tipo de cultura, a quantidade de água necessária, a época da colheita, como armazenar o produto, obtendo, assim, bons resultados. Para ele, nunca despertou ou houve curiosidade de saber o porquê da época do plantio, o porquê da quantidade de água, o por que da época da colheita, o porquê de determinado modo de armazenamento. O *conhecimento científico* é aquele que busca respostas para estes porquês. Para tanto, estabelece, previamente, um roteiro, um caminho, ou seja, um método que lhe permita respostas verdadeiras.

Nesse sentido a ciência administrativa também foi constituída. No início o processo de como as coisas se desenvolviam não eram interessantes para aqueles que estavam em meio ao fato, mas para dar acompanhar a velocidade do desenvolvimento das coisas era preciso ter um estudo que comportasse o entendimento das leis e teorias sobre os fatos e fenômenos que ocorriam nas empresas durante o processo produtivo e como as pessoas se relacionavam para manter a empresa em pleno funcionamento.

2.3 - Classificação atual dos vários campos da ciência

Cabe ressaltar que, dada a evolução da ciência, toda e qualquer classificação deve ser tida como provisória. A importância da classificação das ciências é dada pelas seguintes vantagens: mostra a unidade e, ao mesmo tempo, a variedade do conhecimento humano; assinala o domínio próprio de cada ciência; patenteia as relações lógicas que as unem entre si e revelam a ordem em que as ciências devem ser estudadas.

A classificação apresentada está de acordo com a CDU - Classificação Decimal Universal, utilizada para catalogação das mais variadas publicações acerca dos vários campos do conhecimento. Note que nessa classificação a Administração está no item denominado Ciências Sociais por causa de sua relação com o desenvolvimento do comportamento das pessoas e das organizações enquanto elementos participantes do processo produtivo, sendo que as primeiras estão tanto na produção como no consumo e

as segundas estão na parte operacional oferecendo produtos e serviços de que as pessoas necessitam.

a) *Filosofia*

Metafísica. Problemas fundamentais
Filosofia do espírito. Metafísica da vida espiritual
Sistemas filosóficos. Teorias e especulações metafísico-ontológicas
Psicologia
Lógica. Teoria do conhecimento. Metodologia
Ética. Moralidade. Filosofia prática. Sageza
Estética em geral
História da filosofia

b) *Religião Teologia*

Teologia natural. Teodicéia
Bíblia
Teologia dogmática
Teologia moral. Problemas da moral religiosa
Teologia pastoral
Igreja cristã em geral
História geral da Igreja cristã
Igrejas, seitas, comunidades cristãs
Religiões não cristãs

c) *Ciências Sociais*

Sociologia. Questões sociais. Sociografia
Estatística
Política. Ciência política
Economia. Economia política
Direito. Legislação. Jurisprudência
Administração. Direito Administrativo. Ciência Militar Defesa
Assistência e socorro social. Seguros
Educação. Pedagogia.

Comércio. Comunicações

Etnografia. Costumes e tradições. Folklore. Antropologia social ou cultural

d) *Filologia Lingüística (3)*

e) *Ciências puras*

Princípios gerais sobre as ciências puras

Matemática

Astronomia. Geodésia

Física

Química. Cristalografia. Mineralogia

Geologia e ciências afins. Meteorologia

Paleontologia

Ciências biológicas

Botânica

Zoologia

f) *Ciências aplicadas, medicina, tecnologia*

Questões gerais sobre as ciências aplicadas

Medicina

Engenharia. Tecnologia em geral

Agricultura. Silvicultura. Zootecnia

Ciências domésticas. Economia doméstica

Administração e organização da indústria, comércio e transportes

Indústrias químicas

Indústrias e profissões diversas

Ofícios, artes e indústrias especializadas

Indústria de construção, materiais, profissões, construções

g) *Belas artes, divertimentos, desportos*

Urbanização. Planejamento. Arquitetura paisagística

Arquitetura

Escultura e artes afins

Desenho. Artes menores

Pintura

Arte da gravura. Gravuras

Fotografia e cinematografia

Música

Divertimentos. Passatempos. Jogos. Desportos

h) *Linguística, filologia*

Linguística

Línguas especiais. Troncos linguísticos

Literatura em geral

Literatura das diversas línguas, povos, nações, etc.

j) *Geografia, biografia, história*

Geografia, explorações, viagens

Biografia

História

História em geral. Fontes. História antiga

História da Europa

História da Ásia

História da África

História da América do Norte

História da América do Sul

História da Oceania

O administrador tem como preocupação maior a empresa, ou seja, as interrelações entre os trabalhadores, os produtores, os consumidores e as instituições em geral.

Segundo Chiavenato (1990: 10) :

“A tarefa da administração é a de interpretar os objetivos propostos pela organização e transformá-los em ação organizacional através de planejamento, organização, direção e controle de todos os esforços realizados em todas as áreas e em todos os níveis de organização, a fim de alcançar tais objetivos da maneira mais adequada à situação “.

Determinados trabalhos de pesquisas efetuados dentro da empresa, muitas vezes podem envolver todo o universo; como exemplo: num trabalho, que pretenda avaliar o nível cultural dos funcionários de uma determinada empresa, é comum a utilização de questionários ou entrevistas junto a esta população. Mas, quando o universo é muito grande, a pesquisa pode ser feita utilizando-se, também, a técnica de amostragem. Por exemplo, o levantamento do potencial de venda de um determinado produto, junto a um determinado mercado. Neste caso, como o estudo é feito por amostragem, deverá ser utilizado o *método indutivo*.

Muitas vezes, determinados estudos feitos dentro da empresa, não permite a utilização do universo total, havendo, então, a necessidade de utilizar-se também a técnica da amostragem; como exemplo, pode ser citado o controle de qualidade numa linha de produção.

Também, neste caso, a amostra, a coleta e a interpretação dos dados deverão sofrer todo o rigor científico, pois são comuns afirmações sobre determinados assuntos dentro da empresa que nem sempre podem ser provados cientificamente.

A relação com a contabilidade que tem como objeto captar, registrar, acumular, resumir e interpretar fenômenos que afetam as situações patrimoniais, financeiras e econômicas de qualquer ente seja este pessoa física, entidade de finalidade não-lucrativa, empresa, ou mesmo pessoa de direito público, tais como: Estado, município, união, autarquias, entre outros; fica no campo da interpretação dos dados para a tomada de decisão.

2.3.1 - *Restrições ao método indutivo*

Este artigo se propõe a despertar as discussões para o modo como a ciência administrativa vem sendo tratada no universo do ensino, então há necessidade de fazer com que o pesquisador tenha contato com as várias linhas de pensamento. O resgate dos pensamentos de *Karl R. Popper* que, em suas obras *Conhecimento Objetivo* e *A lógica da pesquisa científica*, faz sérias restrições ao processo indutivo na formulação de leis ou teorias.

De acordo com este autor: “É comum dizer-se ‘indutiva’ uma inferência, caso ela conduza de *enunciados singulares* (pois vezes denominadas também enunciados ‘particulares’), tais como descrições dos resultados de observações ou experimentos, para *enunciados universais*, tais como hipóteses ou teorias.”[Karl R. Popper, *A lógica da pesquisa científica*,p.27]

O problema da indução também pode ser apresentado como a indagação acerca da validade ou verdade de enunciados universais que encontrem base na experiência, tais como as hipóteses e os sistemas teóricos das ciências empíricas. Muitas pessoas acreditam, com efeito, que a verdade desses enunciados universais é” *conhecida através da experiência* . (Popper, 1959)

Contudo, está claro que a descrição de uma experiência a partir de uma observação ou do resultado de um experimento só pode ser enunciado singular e não um enunciado universal. Nesses termos, as pessoas que dizem que é com base na experiência que conhecemos a verdade de um enunciado universal querem normalmente dizer que a verdade desse enunciado universal pode, de uma forma ou de outra, reduzir-se à verdade de enunciados singulares e que, por experiência, sabe-se serem estes verdadeiros. Equivale isso a dizer que o enunciado universal baseia-se em interferência indutiva. Assim, indagar se há leis naturais sabidamente verdadeiras é apenas outra forma de indagar se as inferências indutivas se justificam logicamente”. [p. 28]

“Alguns dos que acreditam na Lógica Indutiva apressam-se a assinalar, acompanhando Reichenbach apud Popper (1959), que” o principio de indução é aceito sem reservas pela totalidade da Ciência e homem algum pode colocar seriamente em duvida a aplicação desse principio também na vida cotidiana”. Contudo, ainda admitindo que assim fosse - pois, afinal, “a totalidade da Ciência” poderia estar errada -, eu continuaria a sustentar que um principio de indução é supérfluo e deve conduzir a incoerências lógicas.

Que incoerências podem surgir facilmente, com respeito ao princípio da indução, é algo que a obra do filósofo Hume deveria ter deixado claro. E também que as incoerências só serão evitadas, se puderem sê-lo, com dificuldade. Pois o principio da indução tem de ser, por sua vez, um enunciado universal. Assim, se tentarmos considerar sua verdade como decorrente da experiência, surgirão de novo os mesmos problemas que levaram à sua formulação. Para justificá-lo, teremos de recorrer a inferências indutivas e, para justificar estas, teremos de admitir um principio indutivo de ordem mais elevada, e assim por diante. Dessa forma, a tentativa de alicerçar o principio de indução na experiência malogra, pois conduz a uma regressão infinita.”[Popper, p. 29]

Os autores, seguindo uma filosofia dialética, á partir da aceitação de que toda verdade é reformável e provisória vê na experimentação o grande instrumento para o avanço das várias ciências. Os exemplos a seguir servem para reforçar essas idéias.

a) A primeira lei de Newton, O princípio da inércia, estabelecida a partir da *experimentação*, conforme capítulo é bem um exemplo da importância da *indução*.

b) Pela *experimentação*, Mendel partindo da hipótese de que a hereditariedade é transmitida por unidades, presentes nas células reprodutoras, essas unidades são atualmente conhecidas como genes. Fez as suas observações e experiências com plantas de ervilhas cultivadas. As confirmações dessas experiências em outras plantas e animais permitiram a generalização de suas conclusões atualmente conhecidas como *Leis de Mendel*.

2.3 2 - Método dialético

A dialética é por definição a arte de discutir, e segundo a filosofia antiga a argumentação dialogada.

É evidente que a sua simples definição não explica a importância que se lhe atribuem as filósofos nos últimos séculos. Muitas vezes confundida com a palavra lógica e outras vezes não constando sequer de dicionários (Foulquié, 1974). Daí a necessidade de uma retrospectiva histórica para um efetivo entendimento de sua importância. *Zenão*, filósofo grego tido como o pai da dialética, formulava seus argumentos procurando demonstrar as contradições daqueles que defendiam teses contrárias.

Defendia a tese da unidade e imobilidade do ser. Os seus argumentos tinham como objetivo, então, mostrar as contradições daqueles que defendiam a pluralidade e mobilidade do ser, ou seja, defendia as suas idéias a partir da negação dos argumentos contrários.

É uma dialética negativa no sentido de não construir uma tese, mas sim de destruir a do oponente. Para tanto, parte das premissas admitidas pelos seus adversários, não importando se eram verdadeiras ou falsas.

a) na antiguidade

A dialética socrática tinha como objetivo levar o seu adversário a se contradizer, mediante perguntas. Com isso conseguia levar ao ridículo os sofistas, que se utilizavam da palavra para justificar as mais variadas situações. Com tal comportamento, Sócrates

pretendia estabelecer a verdade e para tanto, exigia definição das palavras usadas pelos seus adversários, motivo pelo qual pode-se denominar de dialética positiva.

A dialética platônica é perfeitamente definida a partir do texto.

“Assim é meu caro Fedro! Todavia acho muito mais bela a discussão destas coisas quando se semeiam palavras de acordo com a arte dialecta, uma vez encontrada uma alma digna para receber as sementes! Quando se plantam discursos que se tornam auto-suficientes e que, em vez de se tornarem estéreis, produzem sementes e fecundam outras almas, perpetuando-se e dando aos que os possuem o mais alto grau de felicidade que um homem pode atingir”.

O texto deixa bem claro a idéia de movimento do espírito, uma dinâmica a partir da discussão, ou seja, a utilização da contra-argumentação, da antítese, para se chegar a uma síntese, perpetuando-se a discussão.

Para *Aristóteles* a dialética é um método que permite argumentar acerca de qualquer problema proposto, partindo de premissas prováveis, e evitar quando se sustenta um argumento, dizer seja o que for contrário a ele.

Sendo a dialética neste caso um método secundário sem valor científico, pois partindo de premissas prováveis para provar a tese, nada mais é que um silogismo.

Para *Descartes*, dialética é empregada como sinônimo de lógica especialmente de lógica formal. As deduções são feitas mecanicamente, pois partindo-se de preposições dadas chegam-se a outras proposições que delas derivam necessariamente.

b) Dialética hegeliana

Para *Hegel*, a dialética é a conciliação dos contrários nas coisas e no espírito.

Na dialética Hegeliana, encontra-se a afirmação ou tese, a negação ou antítese e a negação da negação, à síntese.

Como exemplo, a tese que se constituiu na afirmação: “o ser é”, mas, ser totalmente indeterminado, de tal forma que a afirmação já implica na sua negação ou antítese: “o ser não é”. Esta negação será negada e daí a síntese na proposição, “o ser é devir”.

Esta síntese, não é definitiva, pois traz dentro de si a sua negação que levará a uma nova síntese e assim indefinidamente.

Esta dúvida com relação a síntese que impulsiona o pensamento para novas sínteses, não é a dúvida sistemática do ceticismo que isola o momento da negatividade e a esvazia de qualquer conteúdo. Não é a dúvida metódica de Descartes, mas é uma dúvida que é a negação de um conteúdo determinado e dessa forma a consciência progride de conteúdo em conteúdo.

O idealismo em Hegel fica bem caracterizado, quando afirma que a contradição está nas próprias coisas que depois de terem lutado chegam a um acordo; a dialética do pensamento é apenas um reflexo da dialética das coisas.

c - Dialética Marxista

O materialismo de **Karl Marx** nada mais é do que uma oposição ao idealismo e nada tem a ver com a oposição ao espiritualismo.

Para Hegel, *idealista*, a idéia é que comanda todo o processo de desenvolvimento, ou seja, são as ideias que governam o mundo.

Para Marx, ao contrário de Hegel, o mundo das idéias é apenas o mundo material transposto e traduzido no espírito humano.

Marx vai acentuar a importância das condições econômicas na formação e evolução das idéias filosóficas, morais e religiosas.

É o materialismo histórico, que procura explicar a história a partir da luta de classes. Como os motivos econômicos explicam o avanço das idéias, a existência da contradição na sociedade, da burguesia de um lado e o proletariado de outro deve ser superado, mediante a luta de classes.

Para Foulquié (1974:62):

“Contrariamente à metafísica, a dialética parte do ponto de vista de que os objectos e os fenómenos da natureza implicam contradições internas, pois todos apresentam um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro, todos tem elementos que desaparecem ou que se desenvolvem; a luta destes contrários, a luta entre o antigo e o moderno, entre o que morre e o que nasce, entre o que se corrompe e o que se desenvolve, é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, da conversão das variações quantitativas das variações qualitativas.”

É por isso que o método dialético considera que o processo de desenvolvimento do inferior ao superior não se efetua no plano de uma evolução harmônica dos fenômenos, mas no da atualização das contradições inerentes aos objetos, aos fenômenos, no plano de uma “luta” das tendências contrárias que agem na base destas contradições.”

Considerando que toda verdade é provisória e reformável, é importante que o cientista ou pesquisador tenha sempre um pensamento dialético, pois o homem avança quando se esforça para superar-se a si próprio.

3 - Conclusão

A proposta do presente artigo foi de trazer para a superfície os dados teóricos de como o método aplicado nas ciências administrativas foi empregado para dar origem a essência dessa ciência. Ao mesmo tempo em que apresentou os conceitos do método e de seus outros tipos conceituais procurou mostrar que é preciso o resgate desses dados para que seja possível refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem em um universo em que o conhecimento das teorias e dos conceitos parece não ter importância dentro do mundo em que a existência da ciência está cada mais presente. Bem como, as descobertas só são possíveis por causa da presença da ciência, no caso desse artigo a presença da ciência administrativa.

Este artigo apresentou o desenvolvimento do método e apresentou as restrições ao método indutivo além das discussões sobre a dialética como conceito já consagrados em trabalhos acadêmicos como o de Hegel e Marx quando afirmam que as idéias governam o mundo. Nesse sentido, interpretar uma tarefa da administração e entender os objetivos propostos pela organização, faz surgir uma metodologia para a transformação das ideias em ação organizacional através de planejamento, organização, direção e controle de todos os esforços realizados em todas as áreas e em todos os níveis de organização, a fim de alcançar tais objetivos da maneira mais adequada à situação analisada.

A proposta de continuidade desse artigo é que as futuras pesquisas procurem dar embasamento numérico ao contexto, procurando identificar no ensino da administração dados que corroborem a aplicação de um método eficaz para a geração de pensadores de cunho idealista e concreto, de dados numéricos nas organizações que foram produzidos

a partir da aplicação do conhecimento adquirido pelo seu estudo. Considere ainda o fato de que todo o processo de ensino-aprendizagem foi possível por causa de uma infraestrutura de qualidade e com recursos que permitissem a busca de informação e sua aplicação no contexto estudado, qualidade também do corpo docente, biblioteca, atendimento e a arte de transmitir os conceitos além do método tradicional que está presente em feiras, congressos e trabalhos integrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIAVENATO**, Idalberto. Introdução à teoria Geral da Administração. São Paulo:Mc Graw-hill, 1990.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Anuário estatístico do Brasil. ano 1[1908/1912]. Rio de Janeiro, 1992.
- ACKOFF**, Russel Lincoln. Planejamento de Pesquisa Social e versão portuguesa de Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Forense,1974.
- ADLER**, Mortimer S. & **VAN DOREN**, Charles. A arte de ler. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- BIRLAN**, Antonio G. Conciência y conocimiento. Buenos Aires: Américallee, 1956.
- CHISHOLM**, Roderick M. Teoria del conocimiento. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- DE LATIL**, Pierre. O pensamento artificial: Introdução à Cibernética. 2^a. ed. São Paulo: Brasa, 1968.
- DESCARTES**, René. Discurso sobre o Método [Tradução de Márcio Publiesi e Norberto de Paula Lima]. São Paulo: Hemus, [198-].
- DOWNS**, Robert B. Fundamentos do Pensamento Moderno. Rio de Janeiro: Renés, 1969.
- ECO**, Umberto. Tratado Geral de Semiótica. 2^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. Tratado geral de Semiótica.São Paulo:Perspectiva, 1991.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL**. São Paulo, 1981-. ISBN 85 - 7026-001-6.
- FONTANA**, Dino F. História da Psicologia, Filosofia e Lógica. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970.
- FOULQUIÉ**, Paul. A dialética. 2^a. ed. São Paulo: Europa-América, 1974.

- FRANCA**, Leonel. Noções de História da Filosofia. 16^a. ed. Rev. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- GARDNER, Howard**. A Nova Ciência da mente. [Tradução de Cláudia Malbergier Caon]. São Paulo: Edesp, 1995.
- GONZÁLEZ**, Irineo. Metodologia del Trabajo Científico. 3^a. ed. Snatander: Sol e Terra, 1965.
- GARAUDY**, Roger. Para conhecer o pensamento de Hegel. [Trad. Suely Bastos]. Porto Alegre:L & PM, 1983.
- HESSEN, J.** Teoria del Conocimiento. Buenos Aires: Losada, 1938.
- JASPERS**, Ludgero. Manual de Philosophia. 2^a. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1930. [Resumo adaptado do Cours de Philosophie de Ch. Lahr. S. J.1 25^a. ed. 2 vols. 1926 - Paris].
- KANT**, Immanuel. Lógica. [Tradução de Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida]. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992. [Biblioteca Tempo Universitário, 93. Série Estudos Alemães].
- MINICUCCI**, Agostinho. Dinâmica de Grupo na Escola. 2^a. ed. Rev. Amp. São Paulo:Melhoramentos, 1971.
- NORA**, José Ferrater. Que és la lógica. Buenos Aires: Columba, 1957. [Coleção Equemar].
- O ESTADO DE SÃO PAULO**. Ano IX; n^o. 3.250 - terça-feira, 2 de janeiro de 1996.
- PARRA FILHO**, Domingos & **SANTOS**, João Almeida. Monografia e Apresentação de Trabalhos Científicos. São Paulo: Terra, 1995.
- _____. Metodologia Científica. São Paulo: Futura, 2002. 6 edição.
- PERROUX**, François. O capitalismo. [Tradução Gerson de Loux]. 2^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1969.
- PLATÃO**. Fedro ou da Beleza. [Tradução de Pinharanda Gomes]. Lisboa: Guimarães, 1994.
- POPPER**, Karl. R. A Lógica da Pesquisa Científica. São Paulo: Cutrix, 1959.
- RICH**, Elaine & **KNIGHT**, Kevin. Inteligência Artificial. [Trad. Maria Claudia Santos Ribeiro Ratto]. São Paulo: Makron Books, 1993.
- RUTTER**, Marina & **ABREU**, Sertório Augusto de. Pesquisa de Mercado. 2^a. ed. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS, Theobaldo Miranda. Manual de Filosofia. 4^a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

SILVA, Franklin Leopoldo L. Descartes: A Metafísica da Modernidade. 2^a. ed.. São Paulo: Moderna, 1993.